

## AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ATUAL DE ENSINO: UM DESAFIO DOCENTE

Paula Santos Candeia Barbosa<sup>1</sup>

Maria Amélia da Silva Costa<sup>2</sup>

### RESUMO

Com o intuito de refletir sobre a importância da avaliação da aprendizagem no âmbito social e pedagógico, e pautando-se na abordagem de alguns aspectos fundamentais sobre o referido tema, haja vista que o mesmo tem permeado todo o processo educacional, o presente estudo volta-se para a análise numa perspectiva histórica, a partir de conceitos básicos, funções e tipos de avaliação. Dessa forma, o trabalho aqui apresentado fundamentou-se em pesquisa bibliográfica, compilando baluartes da avaliação. Dentre eles: Jussara Hoffmman (2005), Celso Vasconcellos, (1998), Felipe Jansen da Silva, (2008), Lüdke (2009) e Pedro Demo, (2008). O propósito de lançar um olhar sobre esses conceitos evidencia que se faz necessário ver também, no tocante à ação avaliativa, sob a ótica da instituição escolar, como é direcionada a avaliação por todos os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Fez-se necessário ainda levar em consideração a postura do educador e do educando em relação ao assunto e à visão do erro numa progressão de mudança e inclusão.

**Palavras-chave:** Avaliação. Aprendizagem significativa. Instrumentos avaliativos. Educador. Educando

### INTRODUÇÃO

O tema avaliação tem permeado todo o processo educacional desde o início da história educativa, resolvemos estudar e analisar a temática com enfoque numa perspectiva histórica, a partir de conceitos básicos, funções, tipos de avaliação e reflexão da mesma, enquanto um processo holístico e formativo. A prática pedagógica e avaliativa de algumas escolas ainda se encontra arraigada a uma visão tradicional e reducionista da educação, pois muitas vezes punem e castigam os alunos com a realização de provas para “medir” a sua capacidade, e /ou como forma de controlá-los e discipliná-los. Outro enfoque explicitado na sala de aula é a competitividade em que poucos são agraciados e outros amargam “derrota”. Daí a necessidade de se entender o sentido real da prática avaliativa adotada na maioria das escolas.

---

1 Especialista pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Pedagoga pela UNIFIP-Centro Universitário. E-mail: paulacandeia2008@gmail.com

2 Mestre em Ensino pela Universidade do estado do Rio Grande do Norte –UERN. Pedagoga e graduanda em Letras-Língua Portuguesa pelo IFPB. E-mail: amelhinha4@hotmail.com

O objetivo deste artigo é refletir sobre a importância da avaliação da aprendizagem no âmbito pedagógico, tendo em vista que por ser um fenômeno de caráter político, é possível acreditar-se que a avaliação assume função social e pedagógica específica e distinta, tendo em vista os valores, as necessidades e as exigências de cada tipo de sociedade e suas formas de organização. Nesse sentido, a avaliação do rendimento escolar pode ser de fundamental importância no processo ensino-aprendizagem por assumir diferentes dimensões e diversificar seus conceitos de acordo com as teorias que a respaldam para melhorar a qualidade de ensino-aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

Este estudo se constitui como uma bibliográfica, do tipo qualitativa com abordagem exploratória. A pesquisa bibliográfica forneceu suporte à fundamentação teórica, sustentada e baseada em autores relevantes, entre eles: Jussara Hoffmman (2005), Celso Vasconcellos, (1998), Silva, (2007), Demo, (2008) e outros que se fizeram necessários durante a pesquisa.

De acordo com Mattar (1999), a pesquisa exploratória visa prover o pesquisador de um maior conhecimento sobre o tema ou problema da pesquisa. Desse modo, é apropriada para os estágios iniciais da investigação quanto à familiaridade, o conhecimento e a compreensão do fenômeno estudado por parte do pesquisador. Esse tipo de pesquisa é particularmente útil quando se pretende conhecer de maneira mais profunda o assunto. Também é proveitoso para se estabelecer melhor o problema de pesquisa através da elaboração de questões propostas e o desenvolvimento ou criação de hipóteses explicativas para os fatos e fenômenos a serem estudados.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Funções da Avaliação**

As questões que envolvem o processo de avaliação escolar são significativamente abrangentes. Existe sempre algo a ser observado, como: a seriedade ou a negligência, a arbitrariedade, a incoerência, a falta de transparência dos procedimentos ou dos critérios da avaliação e, por fim, as funções da avaliação. A discussão acerca da avaliação do ensino e da

aprendizagem se intensifica progressivamente e se insere no debate mais amplo da crise dos paradigmas educacionais. Centrada no ensino, a escola apenas se responsabiliza por ensinar de forma linear e uniforme ficando à sorte dos alunos aprenderem.

Libâneo (1999, p. 23-24), enfoca essa prática escolar já bastante ultrapassada quando trata o papel da escola sob a ótica da tendência liberal tradicional em tendências pedagógicas na prática escolar: "a atuação da escola consiste na preparação intelectual e moral do aluno [...]. O caminho em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos, desde que se esforcem. Assim, os menos capazes devem lutar para superar suas dificuldades". É notório que essa concepção da função escolar evoluiu com o passar dos tempos. É evidente que o paradigma de educação estática vem sendo superado pelo paradigma da aprendizagem significativa. Esse modelo tem como foco principal a forma como o educando assimila o conhecimento. Como ele associa os conteúdos ao seu conhecimento prévio.

A aprendizagem ganha mais sentido se estiver ligada à realidade do educando e isso é fator preponderante no processo ensino-aprendizagem. A forma de avaliar essa aprendizagem também deverá ter sentido. Por isso, se faz mister observar as funções da avaliação que tem permeado todo o histórico da prática escolar, pois a avaliação precisa estar conectada ao dinamismo da construção do conhecimento. Devem-se verificar, a princípio, as funções da educação que são fundamentalmente integrativas e diferenciadas para posteriormente abordar as funções da avaliação, haja vista a ligação íntima entre elas.

As funções da avaliação têm objetivos similares aos da educação, porque se configuram como instrumentos investigativos que viabilizam o processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução dos conhecimentos de todos os compartimentos da relação pedagógica.

Nesse enfoque Silva (2008, p. 1), argumenta que:

Hoje predomina formas de avaliação que podem ser consideradas como um instrumento de exclusão. Há uma cultura de mensuração que classifica e exclui o aluno, seleciona os melhores. O professor começa a excluir já no modo de organizar seu trabalho – ele se baseia em um tipo de ensino, para o qual acredita que há um tipo de aprendizagem, e a avaliação consiste em verificar se o aluno se aproximou daquele padrão de aprendizagem. Quem não consegue se aproximar desse modelo é classificado e excluído do processo. Enfim, é uma visão classificatória, punitiva e coercitiva, sendo um instrumento de controle da conduta comportamental e cognitiva do aluno, para que ele se aproxime do modelo-padrão. É preciso criar uma cultura que de fato avalie.

Desse modo, é cabível dar maior atenção ao processo do que ao produto resultante da relação ensino-aprendizagem. Por outro lado, compete ao professor valorar as possibilidades e

potencialidades do educando do que se voltar para suas limitações. Desafiar o aluno e potencializar descobertas é fator decisivo para o processo avaliativo e o estabelecimento de uma auto avaliação tanto do aluno quanto do professor, além de propiciar uma oportunidade ímpar de elementos necessários à reflexão sobre a prática pedagógica docente e a construção do processo ensino-aprendizagem dos alunos.

## **2.2 Avaliação do processo ensino-aprendizagem como função diagnóstica**

O sentido que se atribui à avaliação como instrumento de mensuração vem sofrendo significativas transformações. As expressões habituais de 'aprovação' e 'reprovação' deixam de permear o processo avaliativo e emergem na teoria e prática a 'intenção' de realizar uma avaliação voltada para a socialização do conhecimento, ou seja, conhecimento para todos os envolvidos no processo educacional.

Na verdade, o diagnóstico é imprescindível no ato pedagógico, haja vista que o desempenho do professor dá-se em função do desempenho do educando. Dessa forma, é importante o professor fazer um diagnóstico histórico e cognitivo do aluno na sala de aula, pois tal procedimento lhe dará subsídios para favorecer novas aprendizagens.

Luckesi (2002, p. 34), afirma:

A prática da avaliação escolar estipulou a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente [...]. O julgamento de valor que teria a função de possibilitar uma nova tomada de decisão sobre o objeto avaliado passa a ter a função estática de classificar um objeto ou um ser humano histórico num padrão definitivamente determinado.

Essa advertência de Luckesi é pertinente, uma vez que a função da avaliação deve intencional a melhor compreensão do objeto avaliado para melhorar sua qualidade e não apenas classificá-lo. Pois, diagnosticar é intervir para que os objetivos pretendidos sejam atingidos. Segundo Silva (2008), quando a avaliação do ensino aprendizagem tem função diagnóstica, ela permite o alcance dos propósitos como: estabelecer se o aluno apresenta ou não determinados conceitos ou habilidades que são necessários para aprender algo novo.

A avaliação diagnóstica propõe uma visão a respeito do que se aprende, como se aprende, o que se ensina e como se ensina. Ela focaliza o desconhecido, ou seja, as causas determinantes da aprendizagem, porque tem caráter investigativo. Isso possibilita a dinamicidade da avaliação. Luckesi (2002, p. 43), comungando com essa função da avaliação diz que:

Para não ser autoritária e conservadora a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético de avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos. Enfim, terá de ser o instrumento de reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos.

O papel da avaliação enquanto diagnóstica revela um campo teórico e prático que possui um caráter metódico e pedagógico, atende a várias intencionalidades, todas direcionadas para a transformação. O próprio Luckesi (2002, p. 42), revela: "para que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético e de diagnóstico para o crescimento, terá de se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a conservação".

Luckesi traz sempre à discussão aspectos da avaliação que precisam ser repensados. Ele é enfático ao criticar a função avaliativa com intuito exclusivo de classificação. Podemos notar em suas afirmativas uma preocupação muito voltada para o fato de que os educadores, e até o próprio sistema educativo, devem direcionar a aprendizagem sempre no sentido de transformação.

### **2.3 Avaliação do processo ensino-aprendizagem como função de classificação**

A diversidade de instrumentos avaliativos precisa estar inserida em uma sistemática capaz de atender à metodologia própria da teoria e da prática da avaliação educacional e adequada à natureza do objeto avaliado, seja o ensino e a aprendizagem, o currículo, o curso, o programa, a escola. Restringir a avaliação aos testes finais e médias, implica não avaliar aspectos deveras importantes do educando como: a capacidade investigativa, o desempenho oral, o desenvolvimento da aquisição de conceitos, pois os instrumentos avaliativos precisam ter a capacidade de promover a aprendizagem.

A avaliação com função classificatória tem como propósito rotular o aluno segundo o nível de aproveitamento ou rendimento alcançado em comparação ao grupo ou classe. É com esse fim e essa função que geralmente o ato de avaliar acontece. De fato, classificar o aluno em inferior e superior tem sido uma prática já enraizada nas escolas, tanto públicas quanto privadas.

Segundo Luckesi (2002, p. 34-35):

Do ponto de vista da aprendizagem escolar poderá ser definitivamente classificado

como inferior, médio ou superior. Classificações essas que são registradas e, podem ser transformadas em números e, por isso, adquirem a possibilidade de serem somadas e divididas em médias.

Se a avaliação é realizada como prática investigativa, ela interroga constantemente a relação ensino-aprendizagem e busca identificar os conhecimentos e desconhecimentos presentes no diálogo. Nesse processo, o inferior pode evoluir para o médio e até para o superior. Luckesi (2002, p. 35), ainda diz que: "com a função classificatória, a avaliação não auxilia em nada o avanço e o crescimento". Isso é uma verdade, pois a avaliação é o veículo de aprendizagem que deve ter esse horizonte sempre no sentido de ampliação permanente, rompendo a cultura de memorizar, rotular, escolher e excluir, tão presentes no sistema de ensino. Essa abordagem acerca das funções do gesto de avaliar suscita um olhar sobre os tipos de avaliação, os quais têm se tornado fatores constantes de discussões nas instituições educacionais e nos debates sobre a temática em questão.

## 2.4 Tipos de avaliação

A mudança de paradigma no campo educacional e a discussão em torno das abrangentes concepções e práticas educativas, suas relações com o conceber e o fazer avaliativo constitui um discurso denso e novo. Esse universo requer do docente sua aproximação e seu envolvimento crítico para poder repensar de modo autônomo sua postura político-pedagógica e reelaborar constantemente seu fazer profissional e, em particular, a ação avaliativa. Vasconcellos (1998, p. 47), diz que:

O sentido maior da avaliação é avaliar para que os alunos aprendam mais e melhor [...]. Esta nova concepção da avaliação vai exigir uma mudança de postura por parte do professor [...] qual seja, investir suas energias e potencialidades não no controle do transmitido, e sim na aprendizagem dos alunos.

Assim sendo, o educador que estiver disposto a direcionar um novo encaminhamento para a prática da avaliação escolar deverá preocupar-se em redefinir ou definir os rumos da sua ação pedagógica sempre no sentido de ampliar suas perspectivas, atentando para o melhoramento do conceber e do fazer avaliativo.

Abaixo serão abordados os três tipos de avaliação que permeiam a prática docente: a diagnóstica ou prognóstica, a reguladora e/ou formativa e a somativa.

#### ***2.4.1 Avaliação diagnóstica ou prognóstica***

A avaliação diagnóstica ou prognóstica parte do pressuposto de que, quanto mais informações se têm sobre o objeto avaliado, mais condições de compreendê-lo e tomar os vários tipos de decisões necessárias às trajetórias do fazer avaliativo. O propósito fundamental dessa prática é informar o professor sobre o nível de conhecimento e habilidades de seus alunos antes de iniciar o processo ensino-aprendizagem para determinar o quanto progrediram depois de certo tempo.

Falando em avaliação diagnóstica, Silva (2008), corrobora afirmando que a avaliação diagnóstica envolve a descrição, a classificação e a determinação do valor de algum aspecto do comportamento do aluno. Ou seja, a avaliação diagnóstica dá as condições ao docente de identificar o que os alunos sabem sobre o que se pretende ensinar. Essa modalidade de avaliação proporciona a orientação para o esboço de um prognóstico nas relações entre objetivos e conteúdos e a realidade sociocognitiva dos educandos. A avaliação diagnóstica é imprescindível no processo avaliativo, pois permite envolver outras modalidades da avaliação. É o caso da formativa, a qual será enfocada abaixo.

#### ***2.4.2 Avaliação formativa***

A avaliação formativa tem sido bastante comentada em fóruns e discussões entre teóricos e estudiosos em avaliação. Essa modalidade baseia-se fundamentalmente na ação contínua e no processo permanente de construção do conhecimento, uma vez que investiga os percursos das aprendizagens no sentido de verificar se os objetivos planejados previamente estão sendo alcançados.

Lüdke (2009, p. 13), ratifica a importância da função da avaliação formativa:

A avaliação, para cumprir os fins educativos dela esperados, ao menos no plano discursivo, precisaria perder essa centralidade apresentada na cena política. Ganharia mais significado político e pedagógico, mostrando-se coerente com a função formativa que dela se espera, se não fosse discutida de modo isolado das demais categorias do trabalho escolar. Quanto mais se quiser a serviço da aprendizagem, mais atenção deverá ser dada ao “conjunto da obra”, e isso envolve uma análise da natureza do trabalho pedagógico realizado em sua inteireza.

Sabe-se que a ação docente é finalística e permeada por objetivos traçados inicialmente, e que durante todo o processo ensino-aprendizagem faz-se necessário a

verificação do alcance desses objetivos. Assim, a avaliação formativa traz à luz os informes necessários para que o processo de aprendizagem ao qual se refere seja satisfatório.

Ela permite haver interação entre o educador e o educando. O educador consente ao aluno demonstrar suas deficiências e o aluno se deixa perceber. Dessa prática interativa surgem as mudanças necessárias à metodologia e aos objetivos previstos. Dessa forma, propicia-se a realização da aprendizagem, confirmando toda a discussão a respeito da avaliação formativa que permite essa dinamicidade no relacionamento professor-aluno: ensinar e aprender. Conforme Silva (2008), dificilmente pode-se idealizar a avaliação formativa se não nos desfazemos de alguns estilos de fazer que impossibilite mudar as relações entre os alunos e os professores. Conseguir um clima de respeito mútuo, de colaboração, de compromisso com um objetivo comum é condição indispensável para que a atuação docente possa se adequar à necessidade de formação que leva em conta as possibilidades reais de cada menino e menina e o desenvolvimento de todas as capacidades.

A avaliação formativa é realizada processualmente. Nessa modalidade da avaliação, particularmente, o docente dialoga com as principais necessidades do discente, obedecendo ao dinamismo tão pertinente no ato pedagógico. Segundo Silva (2008), como processo de investigação permanente, todas as atividades devem ser discutidas, planejadas, executadas e servir de impulso para novas realizações.

A finalidade da avaliação formativa vai ao encontro da afirmativa do autor citado, pois tudo o que já fora citado a respeito dessa modalidade da avaliação, converge para que se a conceitue como instrumento de investigação constante e indicador de novas realizações. Outro autor que trata da avaliação formativa é Perrenoud (1992, p. 165): que corrobora dizendo que:

Talvez seja mais razoável colocar como princípio que a avaliação formativa dá informações que serão propriedade do professor e seus alunos. Cabe-lhes a eles decidir o que querem transmitir aos pais e à administração escolar. Se esta quiser ter uma idéia precisa do que os alunos sabem e da eficácia dos professores, tem de encontrar os seus próprios instrumentos necessários, não inviabilizando uma avaliação formativa que deve permanecer, de qualquer maneira, um assunto entre o professor e os seus alunos, para que o contrato de confiança não seja quebrado.

A avaliação formativa é a modalidade avaliativa que acompanha permanentemente o processo de ensino-aprendizagem, sendo fundamental para a qualidade do mesmo. Desse modo, ao atribuir importância ao aluno, dá atenção à sua motivação, à regularidade do seu esforço, à sua forma de abordar as tarefas e às estratégias de resolução de problemas que



utiliza. O feed-back fornecido ao aluno contribui para o melhoramento da sua motivação e da autoestima e, conseqüentemente, o processo ensino-aprendizagem fluirá. nO processo avaliativo formativo é tão amplo que contempla várias modalidades. A seguir, será abordada a avaliação enquanto modalidade somativa muito praticada nos estabelecimentos de ensino.

#### **2.4.3 Avaliação somativa**

Tradicionalmente, avaliar tem se confundido com a possibilidade de medir a quantidade de conhecimentos adquiridos pelos alunos e alunas considerando o que foi ensinado pelo professor. A avaliação somativa confirma essa prática e é bastante presente no cotidiano de alunos e professores.

Segundo Haydt (2004, p, 35), “[...] a avaliação somativa [...] consiste em classificar os resultados da aprendizagem alcançados pelos alunos ao final de um semestre, ano ou curso, de acordo com níveis de aproveitamento preestabelecidos”. A dinâmica estabelecida pela avaliação somativa se dá como forma de verificar o índice de aprendizagem dos alunos, classificando-os. Essa modalidade sustenta a produção da hierarquia de como promover o julgamento de aprendizagem, cunhado em propósitos previamente determinados.

Segundo Silva, (2008) a avaliação somativa é um processo de descrição e julgamento para classificar os alunos ao final de uma unidade, semestre ou curso, segundo níveis de aproveitamento, expressos em graus (notas) ou conceitos. Essa necessidade de se atribuir notas e conceitos aos alunos tem se configurado no grande problema da avaliação. Se a avaliação deve ser contínua e investigativa, deve ocorrer não somente ao final do curso, mas sim, durante todo o período de realização desse curso. É importante investigar como está se realizando a avaliação somativa, pois Vasconcellos (1998, p. 46), faz um alerta:

A escola usa a avaliação como instrumento de poder e de controle do aluno, por outro, o aluno, que não é um ser passivo, desenvolve estratégias de sobrevivência e cria um contra-poder: estabelece uma relação utilitária com o saber e com o outro, consegue nota a qualquer custo, mesmo que através de cola [...]. Verificamos que não há, como seria razoável supor, correlação entre a nota e a qualidade da aprendizagem.

A avaliação somativa é muito importante, mas não se deve usá-la tão somente como veículo de testagem e mensuração. Está claro na concepção de Vasconcellos que a testagem não traz informação segura acerca da aprendizagem do aluno, porque ele pode utilizar-se de meios ilícitos, como a cola, para obter uma nota. Segundo Hoffmann (1996, p. 61):

O procedimento de testar e medir vem servindo sobremaneira à bandeira de justiça dos educadores. Essa justiça de precisão desconsidera, entretanto, a reciprocidade intelectual que pode se desenvolver através de método investigativo sobre as manifestações do educando, a discussão das idéias a argumentação e contra-argumentação aluno e professor, numa reflexão conjunta.

Hoffmann se posiciona numa perspectiva em que a avaliação se revela como instrumento capaz de investigar o processo de construção do conhecimento do educando podendo, através do diagnóstico obtido através dessa investigação, potencializar as possibilidades de avanço e problematizar os entraves numa tentativa de mudança.

As modalidades avaliativas estão sempre presentes na prática docente, pois se entrecruzam para facilitar a aprendizagem. Será necessário o docente ser bastante coerente para não agir como juiz, classificando os alunos em bons ou ruins. O mesmo deve estimular a confiança no educando, deixando-o construir suas verdades e manifestar suas competências.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A avaliação tem sido desvinculada da sua função primordial: facilitar o processo ensino-aprendizagem. E, como instrumento de exclusão, a prática avaliativa caracteriza o professor muitas vezes como o grande vilão no transcorrer da relação sujeito/aprendizagem vivenciada pelos alunos cotidianamente.

As manifestações em relação à mudança de paradigma são óbvias, a discussão a respeito dessa temática é constante. Apesar da visível evolução, o conservadorismo ainda permeia a maneira de pensar e de agir de alguns de nossos educadores, causando um entrave na aprendizagem dos alunos. É necessário que o professor questione o aspecto burocrático da avaliação, o ritual de memorização de conteúdos. É preciso compreender que o aluno somente aprende quando inserido em ambiente propício à construção de significados e atribuição de sentido aos conteúdos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo permitiu concluir que é necessária uma nova postura do educador em relação à progressão do conhecimento e, conseqüentemente, em relação à avaliação é urgente. Urgente e inevitável. Isso porque os pesos e as medidas na aquisição do conhecimento e no processo em que esta se insere não seguem mais o mero depósito de informações. Os alunos são sujeitos ativos. Os questionamentos são bastante recorrentes. A avaliação não pode ser mais o fim de tudo, ou seja, ao final do período se atribui uma nota a uma prova ou exame e

ponto final. A avaliação é parte indissociável do processo ensino-aprendizagem.

Diante das discussões e dos debates entre os educadores sobre a avaliação, muitos são unânimes ao se posicionar a favor de uma avaliação processual, que viabiliza a aprendizagem integrativa em contraposição à prática da avaliação excludente. Realmente, a avaliação classificatória e excludente ainda é muito recorrente nas escolas e alguns professores, embora professem por uma nova concepção da avaliação, ainda utilizam em suas práticas o autoritarismo e a relação de poder em relação aos alunos.

Sabe-se, porém, que aos educadores é confiada a tarefa de fazer com que os alunos aprendam. Que estimulados em suas diversas manifestações saibam sonhar e cultivar valores e utilizá-los como suporte para sua vida nas diversas atuações. Se o educador ainda mantiver a postura do autoritarismo e da imposição, somente conseguirá atingir o fracasso do aluno na escola, dificilmente o êxito.

Não é tarefa fácil estabelecer procedimentos que oportunizem a iniciativa, a descoberta, a atitude, a valorização das capacidades, tendo uma formação fundamentalmente ligada à concepção mecanicista da aprendizagem e a avaliação dos sujeitos como instrumento de verificação do desempenho, pois requer muita destreza e análise mais positiva dos possíveis processos de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) >. Acesso em: 25 Fev 2012.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. - 9ª Ed.- Campinas, SP, 2008

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

HAYDT, Regina Cazux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2004.

HADJI, Charles. **A avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerck. **Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 19 ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pontos e contra pontos: do pensar ao agir em avaliação**. 7 ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

\_\_\_\_\_. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à**

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

universidade. 22 ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

\_\_\_\_\_. ' **Avaliar para promover: as setas do caminho.** 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítica-social dos conteúdos.** 16 ed. São Paulo, Loyola, 1999.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem escolar.** 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LÜDKE, M. **A avaliação nos novos contextos e paradigmas educacionais.** Pátio Ed. Artmed, Ano XIII nº 50 Maio/Julho, 2009.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise,** 2ª.ed. São Paulo: Atlas, 1999

PERRENOUD, Phillipe. **O papel da avaliação.** Pátio Ed. Artmed, Ano XIII nº 50 Maio/Julho, 2009.

SILVA, Janssen Felipe. **AVALIAR... - O quê? Quem? Como? Quando?** In: Revista da TV Escola. Brasília, MEC– nº 29 – outubro/novembro 2008 – O Canal da Educação – págs. 01 a 04.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Superação da Lógica Classificatória e excludente da avaliação: do é proibido reprovar ao é preciso garantir a aprendizagem.** 2ª ed. São Paulo: Libertad, 1998.

\_\_\_\_\_. **Avaliação: Concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar.** 10 ed. São Paulo: Libertad, 1998.

\_\_\_\_\_. **Construção do conhecimento em sala de aula.** 8ª ed. São Paulo: Libertad, 1999.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudanças por uma práxis transformadora.** 6 ed. São Paulo: Libertad, 2003.